

## **TEM AÇÃO NESSA PESQUISA? A PESQUISA-AÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA QUALITATIVA**

**THALITA SILVA CALÍOPE**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)  
thalitacaliop@gmail.com

**JOSÉ GLAUBER CAVALCANTE DOS SANTOS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)  
jglauber\_cont@hotmail.com

**JOSE DE PAULA BARROS NETO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)  
jpbarros@ufc.br

## **Introdução**

Percebe-se, nas ciências sociais, uma migração para o método qualitativo feito por diversas áreas do conhecimento, porque superaram-se as barreiras da legitimidade e há algum consenso sobre a pesquisa qualitativa. Assim, os métodos qualitativos vêm sendo cada vez mais utilizados como estratégia de investigação. Como pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação naturalmente detém suas origens similares àquele polo metodológico. Porém, a pesquisa-ação tem identidade demarcada pela ruptura com modelos pré-concebidos, no campo de estudos quantitativos, mas também no âmbito das investigações qualitativas.

## **Problema de Pesquisa e Objetivo**

Este trabalho tem como objetivo a descrição e a discussão dos principais pontos referentes à consecução da pesquisa-ação como estratégia de pesquisa para o campo da administração. Traça-se panorama que revela desde a origem da pesquisa-ação, passando pelos propósitos, limitações, planejamento e aplicação, inclusive seu diálogo com outros “métodos” qualitativos.

## **Fundamentação Teórica**

A pesquisa-ação provém das ciências sociais, porém é empregada em diversos campos de estudo (BALDISSERA, 2001), quiçá pelo diálogo entre teoria e prática, incorporando-se a ação em sua dimensão constitutiva e concedendo relevância ao processo de investigação (MIRANDA; RESENDE 2006). Dito isso, faz sentido a colocação de Franco (2005) ao firmar que a pesquisa-ação é empregada de distintas formas ou a partir de diversas intencionalidades, compondo vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas e instigando pesquisadores a refletir sobre a essência epistemológica e as possibilidades de práxis.

## **Metodologia**

Para o levantamento de artigos para o estudo bibliométrico, inicialmente, buscou-se os termos “pesquisa-ação” e “action research” nas bases de dados SciELO e SPELL, contudo os resultados foram limitados e não se mostraram condizentes com a realidade da pesquisa-ação brasileira em Administração e Contabilidade. Por isso, em segundo momento, foram escolhidas revistas brasileiras das áreas citadas dos extratos, estabelecidos pela CAPES, A2, B1 e B2. Assim, pesquisou-se os termos “pesquisa-ação” e “action research” (também entre aspas) em todos os campos nas revistas escolhidas.

## **Análise dos Resultados**

Foram identificados 54 trabalhos nos últimos 27 anos. A pesquisa-ação é a estratégia central dos estudos, mas se sabe que não necessariamente houve aplicação dessa estratégia. Faz-se necessário expor ainda que a pesquisa-ação pode ser combinada com outras possibilidades de investigação. São citadas no levantamento realizado a abordagem com estudo de caso, a de maior frequência, grounded theory, pesquisa experimental e emancipatória, menos frequentes. Com relação aos dados, dos 40 artigos, 32 apresentaram como os dados foram coletados, mas 4 não indicam como os dados foram analisados.

## **Conclusão**

Embora existam características muito marcantes da pesquisa-ação como a necessidade do envolvimento do pesquisador na resolução de um problema e com os demais participantes do projeto e a implementação e a manutenção de uma mudança, ainda existe muita confusão sobre o que de fato é pesquisa-ação. Tal situação é decorrente da falta de conhecimento dos atributos deste tipo de pesquisa e, também, do número reduzido de trabalhos, sendo, conseqüentemente, pouco difundida na academia.

## **Referências Bibliográficas**

- BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. *Sociedade em Debate*, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001.
- COUGHLAN, P.; COUGHLAN, D. Action research for operations management. *International Journal of Operations & Production Management*, v. 22, n. 2, p. 220-240, 2002.
- CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e Pesquisa*. V. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.
- THIOLLENT, M. Pesquisa-ação nas organizações. São Paulo: Atlas, 1997.

# TEM AÇÃO NESSA PESQUISA? A PESQUISA-AÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA QUALITATIVA

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa de natureza qualitativa emerge ante algumas demandas que a investigação de cunho quantitativo não consegue abarcar. Antes de discutir especificamente métodos desta ou daquela ordem, faz-se preciso clarificar especificidades inerentes a cada abordagem. Como a pesquisa-ação, foco deste estudo, pertence ao escopo qualitativo, naturalmente sua proposta metodológica herda os vieses que definem sua finalidade, aplicação, limitações, entre outros.

Segundo Martins e Theóphilo (2007), pesquisas quantitativas têm preocupação voltada à mensuração e, com isso, à quantificação de dados ou evidências, sendo necessário assimilar a conceituação de técnicas e métodos estatísticos. Tanto a análise, como a interpretação desses dados mencionados depende da compreensão de tais técnicas. Diante disso, o distanciamento entre o objeto estudado e o pesquisador é um aspecto associado à pesquisa quantitativa.

Ocorre que, por conta do caráter intrínseco visto em algumas pesquisas (refere-se aqui à problemática, obviamente), aquele distanciamento citado apresenta ineficácia para avaliação de questionamentos que “valorizam” aspectos como descrição, interpretações, análises de informações, fatos, ocorrências e evidências, que não são captados com o uso da pesquisa quantitativa. Assim, a pesquisa qualitativa se propõe alternativa frente ao positivismo quantitativista (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

Um parêntese deve ser feito sobre a “falsa dicotomia” entre as pesquisas qualitativa e quantitativa. A lacuna preenchida pela pesquisa qualitativa, somado o espectro compreendido pelo alcance da pesquisa quantitativa, proporcionou o surgimento de métodos mistos. As metodologias destacadas não são excludentes ou antagônicas. Na verdade, existem limitações que a aglutinação das pesquisas qualitativa e quantitativa pode superar (CRESWELL, 2010; MARTINS; THEÓPHILO, 2007; VIEIRA, 2004; TERENCE; ESCRIVÃO FILHO, 2006).

Voltando à pesquisa qualitativa, onde a pesquisa-ação está circunscrita na condição de estratégia de pesquisa, conforme Creswell (2010), este tipo de pesquisa é interpretativo, com envolvimento intensivo e sustentado do pesquisador como participante da pesquisa. Complementarmente, Martins e Theóphilo (2007) expõem que a pesquisa qualitativa pode ser denominada como naturalística, porque o estudo de um fenômeno requer contato direto e prolongado do investigador com o ambiente no qual está o evento pesquisado.

Algumas características demarcam a pesquisa qualitativa como dados coletados (predominantemente descritivos), análise indutiva de dados (não busca provar evidências formuladas *a priori*), comprometimento com o entendimento do processo (verifica-se como o fenômeno se manifesta ao longo do tempo) e preocupação com o significado (essência dos eventos pesquisados). Todas derivam da distinção entre os paradigmas qualitativo e quantitativo (MARTINS; THEÓPHILO, 2007). Ademais, a pesquisa qualitativa ocupa-se com a problematização de acontecimentos que não são compreendidos com generalização, índices, padronização ou quantificação “impostas” pela pesquisa quantitativa (MANSANO, 2014).

Mello (2014) menciona que o positivismo costuma ser considerado, por pesquisadores, como um “suéter reconfortante” que pode ser utilizado sempre que convir. Indiretamente, faz-se alusão à preferência das pesquisas pela utilização dos métodos quantitativos, decorrente do receio relacionado aos traços característicos do paradigma qualitativo. Outro antecedente a ser mencionado compreende, uma vez mais, a contraposição das pesquisas. Vieira (2004) explica que dois problemas são criados com a segregação dessas abordagens. O primeiro é a ilusão de se relacionar diretamente método a problema específico. O segundo é o não desenvolvimento de habilidades em ambos os métodos e, assim, o enfraquecimento dos métodos mistos.

Suplementando a ideia construída por Mello (2014), em prol da não expropriação dos métodos qualitativos no âmbito das pesquisas científicas, a pesquisa qualitativa tem ganhado força, tratando-se aqui da área de administração no Brasil, devido à preocupação (não recente) com a qualidade da produção acadêmica. Utilizada, majoritariamente, nas ciências sociais, percebe-se uma migração para o método qualitativo feito por demais áreas do conhecimento (entre elas a administração), porque superaram-se as barreiras da legitimidade e já há algum consenso sobre a pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2010; VIEIRA, 2004).

A área das ciências sociais aplicadas, espontaneamente, desafia seus estudiosos à compreensão de problemáticas relacionadas à existência humana em dimensão complexa e multifacetada, “para isso, os métodos qualitativos vêm sendo cada vez mais utilizados como estratégia de investigação, no intuito de acompanhar as transformações que acontecem na história, nas organizações e nas relações sociais” (MANSANO, 2014, p. 120).

As diferenças expostas entre a pesquisa qualitativa e quantitativa são importantes para compreensão do polo metodológico onde a pesquisa-ação está inserida, sabendo-se que tais aspectos se refletem no desenvolvimento da estratégia de pesquisa adotada em função dos objetivos que a investigação pretende alcançar. Este trabalho tem como objetivo a descrição e a discussão dos principais pontos referentes à consecução da pesquisa-ação como estratégia de pesquisa para o campo da administração. Traça-se panorama que revela desde a origem da pesquisa-ação, passando pelos propósitos, limitações, planejamento e aplicação, inclusive seu diálogo com outros “métodos” qualitativos. Pretende-se ainda elaborar um esboço da matéria publicada sobre essa estratégia de pesquisa qualitativa, realizando-se uma breve avaliação do cenário demonstrado nos periódicos brasileiros por meio de um estudo bibliométrico.

## **2 PESQUISA-AÇÃO**

### **2.1 A origem da pesquisa-ação**

Como pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação naturalmente detém suas origens similares àquele polo metodológico. Porém, a pesquisa-ação tem identidade demarcada pela ruptura com modelos pré-concebidos, no campo de estudos quantitativos, mas também no âmbito das investigações qualitativas.

Thiollent (1997) afirma que a proposta metodológica da pesquisa-ação fora formulada no contexto profissional pertencente às ciências sociais aplicadas. A partir dos anos 60, foram algumas vertentes sendo desenvolvidas e em um primeiro momento a atuação social e política engajadas, compromissadas ou militantes tiveram maior destaque, especialmente na América Latina. Atribui-se, no entanto, a Kurt Lewin a responsabilidade pela proposição da pesquisa-ação como estratégia de pesquisa, em 1946. O contexto em questão era o pós-guerra, havendo as características marcantes da pesquisa experimental e de campo. Seu trabalho investigava os hábitos alimentares dos norte-americanos e a mudança de atitudes em minorias, sendo que um traço de suas pesquisas se destacava: as pesquisas caminhavam em paralelo aos estudos sobre dinâmica e funcionamento dos grupos (ENGEL, 2000; FRANCO; 2005; TRIPP, 2005).

Na década de 1960, por meio da área da sociologia, rapidamente a concepção de que o pesquisador precisava deixar o isolamento e emergir nos problemas investigados ganhou força porque passou-se a reconhecer que através da postura supramencionada seria possível assumir as consequências dos resultados, colocando-os em prática e levantar inferências no curso dos acontecimentos inerentes aos eventos (ENGEL, 2000). Esses fatos deram impulso para que a pesquisa-ação fosse edificada como estratégia de pesquisa qualitativa.

Baldissera (2001, p. 5) afirma que alguns defensores da pesquisa-ação a restringem em termos de concepção do seu uso como condição de “uma orientação de ação junto aos grupos sociais que pertencem às classes sociais populares”. Assim, a pesquisa-ação é percebida como forma de engajamento sócio-político com interesse na causa de classes populares, conforme o autor supracitado, convergente àquilo colocado por Thiollent (1997). Como é possível notar, a pesquisa-ação é fortemente influenciada pelo contexto histórico no qual foi originada.

A pesquisa-ação provém das ciências sociais, porém é empregada em diversos campos de estudo (BALDISSERA, 2001), quicá pelo diálogo entre teoria e prática, incorporando-se a ação em sua dimensão constitutiva e concedendo relevância ao processo de investigação (MIRANDA; RESENDE 2006). Dito isso, faz sentido a colocação de Franco (2005) ao firmar que a pesquisa-ação é empregada de distintas formas ou a partir de diversas intencionalidades, compondo vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas e instigando pesquisadores a refletir sobre a essência epistemológica e as possibilidades de práxis investigativa.

Com os diferentes e diversificados contextos de aplicação, Thiollent (1997) menciona que a pesquisa-ação acaba por encontrar problemas de orientação valorativa. Por exemplo, no contexto da atuação sociopolítica, os objetivos são compreender as implicações da ação, logo se requer uma cultura de política acessível. Outro contexto, caso do profissional, congruente com os estudos organizacionais, o problema é a não permissão de que interesses dominantes contaminem a pesquisa. Em todo caso, a influência de fatores antecedentes da pesquisa-ação são relevantes para a delimitação dos objetivos investigativos desta estratégia de pesquisa.

Retomando Baldissera (2001), mesmo sabendo que a pesquisa-ação é equitativamente discutida em áreas de atuação de escopo técnico-organizativo, dando lugar à diversidade de propostas de estudo em vários campos de atuação social em seu método, ela ainda é pouco conhecida no Brasil (ENGEL, 2000). Menelau *et al.* (2015) realizaram um levantamento sobre pesquisa-ação junto aos periódicos de administração no Brasil e concluíram a deficiência na aplicação do método. Todavia, como assevera Engel (2000), a pesquisa-ação é extensamente explorada na literatura internacional.

Buscando ilustrar os reflexos das origens da pesquisa-ação nos propósitos de pesquisa, como fora discutido, descreve-se no Quadro 1 as bases originárias da pesquisa-ação conforme o local de origem, segundo Thiollent (1997).

Quadro 1 – Foco inicial da pesquisa-ação: América Latina, Países Industrializados e Brasil

Localização-Origem	Características
América Latina	Formulada em termos de pesquisa-participante e empregada como instrumento apropriado ao contexto de populações carentes (problemas educacionais, culturais ou de consciência política).
Países Industrializados	Focou populações desfavorecidas, mas não necessariamente desprovidas de recursos (escolas, empresas, cooperativas). Instrumento de solução de problemas coletivos.
Brasil	Unificação das características – função de cada situação ou objetivo particular.

Fonte: Elaborado a partir de Thiollent (1997).

Thiollent (1997) explica que, em países como o Brasil, ambas as visões de problemas são relevantes ao desenvolvimento de estudo nessa égide. A pesquisa organizacional, todavia, é merecedora de atenção no campo da administração – meta inerente a este trabalho, pois nela deve haver interesse por diversos grupos componentes e não apenas uma parcela restrita, caso da alta administração ou de um grupo que detenha poder legal. Após esse breve panorama, e depois de compreendidas as origens da pesquisa-ação, a próxima subseção expõe definição, objetivos e limitações dessa estratégia de pesquisa qualitativa.

## 2.2 Definição, objetivos e limitações do método

Uma das definições mais difundidas de pesquisa-ação é a de Thiollent (2008, p.16):

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação é uma investigação-ação que emprega técnicas consagradas de pesquisa para informar a ação que se decide tomar para aprimorar a prática, soma-se a isso que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (TRIPP, 2005). Deste modo, para o autor, embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, distingue-se da prática e, mesmo sendo pesquisa, distingue-se da pesquisa científica tradicional, porque ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada

pelo contexto e pela ética da prática. Essa pesquisa é sobre ação para a mudança e melhoria para um grupo, e também sobre pesquisa, incluindo coleta de dados para informar o grupo sobre a contexto da prática atual; gerar teoria sobre, em e a partir da área de prática; conectar a teoria emergente com as teorias anteriores do campo; e divulgar a teoria para que outros possam se beneficiar dela (MELROSE, 2001).

Baldissera (2001) explica que uma pesquisa pode ser qualificada como pesquisa-ação quando houver uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva. A justificativa para essa colaboração reside no fato de que os membros da organização conhecem melhor o contexto pesquisado, assim, a metodologia permite que os pesquisadores mantenham o foco no problema e, conforme necessário, permite a organização tomar medidas corretivas imediatas (ADAMS; HOQUE; MCNICHOLAS, 2006).

Uma pesquisa é classificada como pesquisa-ação, conforme Thiollent (2008), quando houver uma ação por parte das pessoas ou dos grupos envolvidos no problema observado. É preciso que a ação seja não-trivial e mereça investigação para ser elaborada e conduzida. Macke (2006) explicita que é uma estratégia de pesquisa reflexiva, no sentido do engajamento dos participantes em um processo colaborativo de transformação social, no qual aprendem e mudam suas formas de engajamento. Assim, o resultado da combinação de ação com pesquisa é a superação de questões sociais e organizacionais importantes junto com os profissionais que estão enfrentando os problemas diretamente (ADAMS; HOQUE; MCNICHOLAS, 2006).

Segundo Macke (2006), a pesquisa-ação é uma estratégia de condução de pesquisa voltada para a busca de solução coletiva a determinada situação-problema, dentro de um processo de mudança planejada, e contempla, simultaneamente, processos de pesquisa e de intervenção, que emergem da participação efetiva dos atores envolvidos e do pesquisador.

Franco (2005) observou que no Brasil existem três conceituações de pesquisa-ação. Quando a mudança é uma solicitação do grupo à equipe de pesquisadores, a pesquisa é nomeada como pesquisa-ação colaborativa e a função do pesquisador é fazer parte e cientificizar um processo de mudança desencadeado pelo grupo. Se é o pesquisador quem entende que a transformação é necessária, resultado de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência e para emancipar os sujeitos, então é conceituada de pesquisa-ação crítica. Mas se a mudança é planejada, sem a participação dos sujeitos e só o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados é chamada pesquisa-ação estratégica.

Para Tripp (2005), é difícil definir a pesquisa-ação por duas razões interligadas: é um processo tão natural que se apresenta, sob muitos aspectos, diferentes; e se desenvolve de maneira diferente para diferentes aplicações. Eden e Huxham (2001) acreditam que a pesquisa-ação é melhor identificada por um conjunto inter-relacionado de características, como observado no Quadro 2, do que por uma definição propriamente dita.

Quadro 2 – Pesquisa-ação caracterizada

Aspecto		Características
Foco da ação		Demanda envolvimento integral do pesquisador na tentativa de mudar a organização.
Características dos resultados	Generalidade	Implicações além daquelas exigidas pela ação ou pela geração de conhecimento no domínio do projeto.
	Desenvolvimento teórico	A pesquisa-ação demanda valorizar a teoria.
		A base para seu desenho precisa ser explícita, mostrar sua relação com as teorias que lhe dão sustentação e que são apoiadas ou desenvolvidas por meio da pesquisa-ação.
	Tipos de desenvolvimento teórico apropriados	Preocupa-se com um sistema teórico emergente, em que a teoria se desenvolve com base em uma síntese que emerge dos dados e do uso, na prática, do corpo teórico que deu sustentação à intervenção e à intenção de pesquisa.
A construção da teoria como resultado da pesquisa-ação será incremental, movendo-se por um ciclo: desenvolver teoria, ação, reflexão, novamente desenvolver teoria, do particular para o geral em pequenos passos.		
Foco pragmático		Reconhece-se que a descrição será a prescrição, mesmo que implicitamente.

Características dos processos	Planejamento	Exige-se um método sistemático e ordenado para refletir sobre ela, mantendo os vínculos com os dados da pesquisa e os resultados teóricos decorrentes de cada episódio ou ciclo de desenvolvimento na organização.
		Os processos de exploração dos dados na detecção das teorias emergentes e no desenvolvimento das teorias existentes precisam ser reproduzíveis ou, pelo menos, capazes de ser explicados a outras pessoas.
		O processo completo envolve uma série de ciclos interconectados.
	Validade: teoria em uso	A reflexão e o processo de coleta de dados são mais valiosamente focados nos aspectos que não podem ser identificados por outras abordagens.
	Validade: triangulação	As oportunidades para a triangulação, que não se concretizam com outros métodos, devem ser plenamente exploradas e relatadas como um recurso dialético que facilita poderosamente o desenvolvimento incremental da teoria.
Validade: papel da história e do contexto	A história e o contexto da intervenção precisam ser tomados como críticos para a interpretação da provável faixa de validade e de aplicabilidade dos resultados da pesquisa-ação.	
Exposição	O desenvolvimento da teoria deve ser disseminado de maneira que desperte o interesse de um público mais amplo do que o envolvido com a ação/pesquisa.	

Fonte: Adaptado de Eden e Huxham (2001).

As características da pesquisa-ação também são expostas por Adams, Hoque e McNicholas (2006): funciona através de um processo cíclico (planejar, agir, avaliar e planejar, promovendo competências de investigação, reflexão, resolução de problemas e ação); é participativa; é concomitante com a ação, portanto tanto os pesquisadores quanto profissionais são capazes de adquirir conhecimento através da participação no projeto; é uma sequência de eventos e uma abordagem para a resolução de problemas. Semelhantemente, Tripp (2005) mostra que a pesquisa-ação é: inovadora, contínua, proativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada, compreendida e disseminada.

Para Thiollent (2008), a pesquisa-ação é uma estratégia metodológica da pesquisa social na qual: da interação entre pesquisador e pessoas envolvidas resulta a ordem de prioridade dos problemas que serão pesquisados e das soluções que serão encaminhadas sob forma de ação; o objeto de investigação é constituído pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nessa situação; o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver os problemas da situação observada; há um acompanhamento das decisões, ações e atividades dos atores da situação; a pesquisa-ação não se limita a uma forma de ação.

Um dos principais aspectos da pesquisa-ação é o papel do pesquisador, que se empenha em certas atividades, sendo pessoalmente responsável por alcançar um resultado do projeto que satisfaça suas ambições de investigação e possui uma propriedade vital e uma participação definitiva no projeto (SIMONSEN, 2009). O pesquisador equaciona os problemas encontrados, acompanha e avalia as ações desencadeadas em função dos problemas, exigindo uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo (THIOLLENT, 2008).

Para Baldissera (2001), a relação entre pesquisador e pessoas envolvidas é pautada pelo processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade e complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Ademais, o pesquisador deve ter a cautela de nutrir, com os praticantes do cotidiano, a crença na possibilidade da mudança, o diálogo constante, a solidariedade, a negociação de ideias e a possibilidade de colaboração, pois esses pressupostos são importantes para que os resultados almejados sejam alcançados (JESUS; VIEIRA; EFFGEN, 2014).

Outro ponto relevante concernente aos predicados da pesquisa-ação, diz respeito ao processo de aprendizagem em que, na visão de Macke (2006), o ganho do conhecimento é obtido através da observação e da avaliação das ações (definidas com os participantes) e dos obstáculos encontrados. Os frutos desse processo são mudanças reais e significativas como o

que as pessoas fazem, como as pessoas interagem com o mundo e com os outros, o que as pessoas querem dizer e o que elas valorizam (KEMMIS; MCTAGGART, 2007).

Adams, Hoque e McNicholas (2006) apresentam algumas limitações da pesquisa-ação, como o duplo desafio de combinar ação e pesquisa pode levar a dificuldades de controle do projeto, que podem ser agravadas pela singularidade de cada projeto, sendo difícil delinear leis gerais sobre como realizá-los. Outra desvantagem apontada é a demora da pesquisa-ação e o envolvimento substancial da equipe organizacional e dos pesquisadores durante o projeto. A última crítica refere-se à metodologia, posto que é difícil validar os dados recolhidos e generalizar os resultados. Destaca-se que a principal ameaça para a validade é a falta de imparcialidade do pesquisador, que está envolvido em formar e contar a história.

Por sua vez, Walters-Adams (2006) pontua como dificuldades: falta de tempo e de confiabilidade, validade, resultados que não são generalizáveis e representações do processo (diagramas) que podem confundir, ao invés de esclarecer. Soma-se a isso que não é possível repetir experimentos, pois cada intervenção é diferente, e a pesquisa-ação não se propõe a resolver conflitos sociais cuja solução depende de ações de longo prazo (MACKE, 2006).

De acordo com Simonsen (2009), há dois desafios críticos inerentes à condução de projetos de pesquisa-ação: é uma maneira muito demorada de produzir dados empíricos e há um alto risco de o projeto não evoluir como previsto; é pessoalmente exigente e desafiadora para o pesquisador. Outro problema refere-se ao não entendimento dos pressupostos para a prática da pesquisa-ação, resultando no emprego equivocado do termo, sendo utilizado indiscriminadamente como referência a abordagens distintas (FREITAS *et al.*, 2010). Evidenciadas as descrições e limitações da pesquisa-ação, na subseção seguinte, mostra-se quais os procedimentos para executá-la.

### 2.3 Planejamento da pesquisa-ação

O ciclo de pesquisa-ação, na perspectiva de Coughlan e Coughlan (2002), abrange três etapas: passo inicial, compreendendo contexto e propósito; seis passos principais; e monitoramento. O passo inicial começa com o desenvolvimento do entendimento do contexto do projeto de ação nos membros-chave da organização, considerando porque o projeto é necessário ou desejável e quais as forças políticas, econômicas, técnicas e sociais dirigindo a necessidade por ação. Além disso, é necessário que o pesquisador considere se vale a pena estudar o projeto de ação, como a pesquisa-ação é uma metodologia apropriada para ser adotada e qual a contribuição esperada na geração de conhecimento. Os passos apresentados pelos autores são indicados no Quadro 3.

Quadro 3 – Os seis passos da pesquisa-ação

Coleta de dados	Os dados são coletados de diferentes maneiras dependendo do contexto, podendo ser obtidos através de estatística ou de observação e discussão em reuniões e entrevistas.
<i>Feedback</i>	A ação do pesquisador leva à coleta e alimentação dos dados no sistema da organização, disponibilizando-os para análise.
Análise dos dados	Os dados são colaborativos, pois os participantes conhecem melhor a organização e são responsáveis por implementar e seguir as ações definidas. Assim, os critérios e as ferramentas para análise devem ser decididos com os membros da organização e devem estar ligados ao propósito da pesquisa e ao objetivo da intervenção.
Planejamento da ação	A partir da análise dos dados a ação é planejada, definindo, o que precisa mudar e onde, quando e como irão acontecer as mudanças.
Implementação	Executada pela própria organização, envolve criar desejo de mudança e fazer com que os planos sejam seguidos.
Avaliação	Envolve a reflexão sobre os resultados desejados e não desejados da ação, a revisão do processo para que o próximo ciclo de planejamento e ação seja beneficiado pela experiência do ciclo anterior.

Fonte: Adaptado de Coughlan e Coughlan (2002).

Freitas *et al.* (2010) adicionam outro passo: construção teórica, que seria o momento em que a organização melhora o processo implantado e o pesquisador elabora sua

contribuição teórica. A última etapa, o monitoramento, ocorre durante todo o ciclo, porque cada ciclo leva ao próximo de maneira que planejamento, implementação e avaliação são contínuos e o aprendizado também (COUGHLAN; COUGHLAN, 2002). Idealmente, os envolvidos na pesquisa-ação estão monitorando os seis passos ininterruptamente, inquirindo o que está acontecendo e como os passos são conduzidos. Enquanto o grupo foca nos resultados práticos, o pesquisador preocupa-se em como o projeto está funcionando e monitora o processo de aprendizagem e questiona a pesquisa.

Por sua vez, Kuhne e Quigley (1997) propõem que a pesquisa-ação é formada por ciclos sucessivos de planejamento, ação e reflexão, que representam, cada um, uma fase e são compostos por subfases, como exposto no Quadro 4.

Quadro 4 – Fases da pesquisa-ação

Planejamento	Entendendo o problema	Tem início com a identificação do problema e com a decisão de como e onde intervir, envolve reuniões de brainstorming com pessoas que têm conhecimento sobre a questão e levantamento da literatura. Deve-se decidir se o problema é “pesquisável” e se é significativo para os participantes
	Definindo o projeto	Define-se com mais detalhes como organizar a intervenção e fazer a mudança no problema.
	Determinando as medidas	Requer que o pesquisador separe tempo para avaliar o que está sendo feito e criar um documento comparando os resultados. Algumas questões-chave são o tempo gasto, os critérios de avaliação e como os dados serão coletados.
Implementação	Implementar a ação e observar os resultados	Exige planejamento e pode satisfazer a tentativa de fazer a mudança acontecer.
Reflexão	Avaliando os resultados	Deve-se dialogar com os pares sobre os dados coletados para determinar o nível de sucesso do projeto.
	Refletindo sobre o projeto	Reflete-se sobre os resultados, a coerência das mudanças com a realidade e a necessidade ou não de um novo ciclo.

Fonte: Adaptado de Kuhne e Quigley (1997).

A fase de planejamento envolve as definições do problema e do projeto e o processo de medição. A fase de ação contempla a implementação e a observação do projeto. A fase de reflexão consiste no processo de avaliação, que finda o processo quando a solução do problema é encontrada ou, caso contrário, inicia o segundo ciclo até encontrar a resolução.

Kemmis e McTaggart (2007) explicam que mesmo que o processo de pesquisa-ação seja descrito nos termos de uma sequência de passos mecânica, é geralmente pensado para envolver uma espiral de ciclos auto reflexivos.

### 3 ANÁLISES COMPARATIVAS

#### 3.1 Pesquisa-ação *versus* pesquisa participante

Thiollent (1997) aborda a dicotomia entre pesquisa-ação e pesquisa participante admitindo que aquela é enquadrada a esta como uma de suas vertentes. Portanto, depreende-se, inicialmente, que toda pesquisa-ação é pesquisa participante, mas nem toda pesquisa participante é pesquisa-ação. O embate entre os “métodos” deve ser reforçado através da seguinte diligência: deve-se atentar para a especificidade da pesquisa-ação em se tratando do seu comprometimento com a ação organizada.

Macke (2010) demarca a pesquisa-ação como estratégia de cunho participativo, mas expondo os aspectos: elaboração de diagnósticos; identificação de problemas; e solução destes problemas. Schmidt (2008) define a pesquisa participante como “encontro etnográfico”, inspirada na antropologia interpretativa, baseado no processo de edificação do conhecimento concomitante ao questionamento e elaboração do sentido da própria pesquisa, demarcado pela contextualização da investigação.

Como se observa, a pesquisa participante, diferentemente da pesquisa-ação, é feita por meio da centralização nos pilares da atividade auto reflexiva e da problemática do outro e as consequências dessa abordagem estão nas descobertas dos trabalhos de campo, que “servem

mais para testar os limites e insuficiências das teorias consagradas”. Além disso, “os pesquisados migram da posição de ‘objetos’ de estudo para aquela de colaboradores e interlocutores qualificados para construção do conhecimento sobre fenômenos sociais” e, por que não, humanos (SCHMIDT, 2008, p. 365).

A pesquisa participante, de acordo com Campos (1984), possui as características a seguir: valorização do saber do indivíduo, respeito pelo ritmo e pelo processo de construção do conhecimento vivido, e superação de barreiras relativas ao problema do grupo investigado. De modo geral, a diferença entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante é o que Macke (2010, p. 207) descreveu como a “concepção de pesquisa e intervenção em determinados setores de atuação social”, juntamente aos “atores significativos em processo de mudança”.

Do ponto de vista da articulação, é possível ainda diferenciar técnica participativa e estratégia participativa (MACKE, 2010). Se a técnica participativa é compreendida como prática, o método, atrelado à elaboração da estratégia participativa, versa um roteiro previamente estruturado, com o emprego de múltiplas técnicas. Segundo Schimdt (2006), as ideias de ação e intervenção não são, por si sós, equivalentes. Todavia elas sugerem que, além da presença do pesquisador como parte do campo investigado, há o outro.

Mencionam-se também os seguintes aspectos característicos da pesquisa-ação, diante à participante, o processo de mudança, intrinsecamente relacionado à formulação fundamentada de diagnóstico da organização, sendo o resultado dessa intervenção exposto na forma de problema (LIMA, 2005), trabalho contínuo de inter-relacionamento entre organização, agente de mudança e comunidade científica, com participação ativa *in loco* (DRAGO, 1989; LIMA, 2005), envolvimento direto de mudança para produção simultânea de acréscimo do conhecimento para o campo de estudo e o desenvolvimento de um sistema que gere fluidez na colaboração mútua (DRAGO, 1989).

Incontestavelmente, na distinção entre pesquisa-ação e pesquisa participante, fica claro que “sujeito e objeto da investigação assumem voluntariamente posições ativas no processo investigatório” (LIMA, 2005, p. 148). Distintamente, na pesquisa ou observação participante, o investigado é passivo à avaliação do fenômeno no tocante à interlocução com o pesquisador. Essa colocação enfatiza a reflexão de Menelau *et al.* (2015), corroborando-a, ao destacarem o que, nas estruturas metodológicas inerentes à pesquisa ação no escopo da administração, a que mais se aproximaria de uma postura definitivamente engajada com a geração de impactos, se estes são significativos à realidade investigada, é a pesquisa-ação.

### **3.2 Quadros-síntese: pesquisa-ação e outros métodos qualitativos**

Como forma de amplificar a análise comparativa da pesquisa-ação frente aos demais procedimentos ou abordagens qualitativas, nesta subseção encontra-se a estruturação de quadro-síntese onde os aspectos primários que diferenciam as pesquisas qualitativas são ressaltados. Segregando-se essas características, faz-se possível compreender a aplicabilidade dos métodos e, inclusive, a extensão dos resultados. Esta proposta toma o trabalho desenvolvido por Mello (2014), que propõe o comparativo sob suas premissas importantes na investigação científica, como base de discussão.

Em primeiro lugar, põe-se que o método da pesquisa “tem forte ligação com a lógica da investigação científica”, também “com investigar as potencialidades e as limitações das técnicas e dos procedimentos específicos” (MELLO, 2014, p. 325). Portanto, compreende-se que o método da pesquisa nada mais é do que a expressão do rigor requerido pela proposta. Mais além, ele alude a materialização da extensão potencial dos resultados para o campo de estudo. Encontram-se descritas, a partir do trabalho de Mello (2014), as seguintes abordagens inseridas dentro desse espectro da pesquisa qualitativa, a saber, fenomenologia, etnografia, *grounded theory*, estudo de caso e pesquisa-ação, no Quadro 5.

Quadro 5 – Abordagens e procedimentos qualitativos: descrição comparativa

<b>Fenomenologia</b>	
a) Pressupostos	A realidade é construída a partir das experiências das pessoas imersas em uma situação ou fenômeno.
b) Foco	Descrever e explorar fenômenos e compreender a essência da experiência.
c) Tipo de problema	Como as pessoas constroem suas experiências do mundo.
d) Disciplina de conhecimento	Principalmente filosofia, psicologia e educação.
e) Forma de coleta de dados	Entrevistas, documentos e observações.
f) Análise de dados	Análise de declarações: texto e estrutura da narrativa.
g) Relatório de pesquisa	Quadros temáticos – interpretação dos significados afastando-se contextos particulares e valorizando a esfera mais universal.
<b>Etnografia</b>	
a) Pressupostos	A realidade é construída e compartilhada por sistemas culturais específicos e não pode ser compreendida fora dos significados desses atores sociais.
b) Foco	Descrever e interpretar determinada cultura.
c) Tipo de problema	Descrever e interpretar padrões compartilhados por uma cultura.
d) Disciplina de conhecimento	Antropologia e sociologia.
e) Forma de coleta de dados	Observação participante, entrevistas, artefatos, documentos, gravações, anotações de campo, som e imagem.
f) Análise de dados	Padrão das informações coletadas por temáticas – codificação.
g) Relatório de pesquisa	Descrever as formas como o grupo trabalha em certa cultura e nas experiências de campo do pesquisador.
<b>Grounded Theory</b>	
a) Pressupostos	Homem como ator social, discurso e interacionismo simbólico.
b) Foco	Observar o ambiente natural onde as interações e o comportamento dos indivíduos ocorrem. Depois os padrões de comportamento sugeridos pela teoria são analisados.
c) Tipo de problema	Compreender o contexto em casos que a teoria não suporta integralmente os anseios da investigação.
d) Disciplina de conhecimento	Sociologia e antropologia.
e) Forma de coleta de dados	Coleta zig-zag.
f) Análise de dados	Busca-se a saturação da base de dados.
g) Relatório de pesquisa	Partindo da categorização dos dados da coleta, pretende-se fazer com que teorias venham à tona para explicar as limitações percebidas.
<b>Estudo de caso</b>	
a) Pressupostos	Almeja os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências.
b) Foco	Descrever e analisar profundamente um ou múltiplos casos.
c) Tipo de problema	Descrição e análise profunda da realidade.
d) Disciplina de conhecimento	Psicologia, medicina, sociologia, direito, serviço social e ciência política.
e) Forma de coleta de dados	Múltiplas fontes de investigação através da triangulação dos dados. Entrevistas, observação direta e participante, documentos.
f) Análise de dados	Descrição dos casos surgindo dos dados.
g) Relatório de pesquisa	Detalhamento de um ou mais casos.
<b>Pesquisa-ação</b>	
a) Pressupostos	Tenta resolver problemas específicos combinando pesquisa e ação para aumentar o conhecimento e instituir a mudança.
b) Foco	Planejada e intervir.
c) Tipo de problema	Resolução de problemas com base no modelo intervencionista.
d) Disciplina de conhecimento	Ciências sociais, saúde, agrárias e educação.
e) Forma de coleta de dados	Entrevistas, reuniões com interessados, seminários, questionários, explicações específicas e colaboração dos interessados.
f) Análise de dados	Faz-se uma reflexão metodológica da situação analisada à luz de um quadro teórico aberto à intervenção dos envolvidos.
g) Relatório de pesquisa	Resultados expressos considerando-se a intervenção e as mudanças geradas.

Fonte: Adaptado de Mello (2014).

Por meio da leitura da síntese exposta no Quadro 5, é possível compreender como o caráter particular de ruptura da pesquisa-ação, no espectro das pesquisas qualitativas, foi

constituído. Notadamente, nenhuma das estratégias de pesquisa supera as raízes descritivas do método qualitativo. Obviamente que essa faceta é um traço decorrente da aproximação entre o objeto de estudo e o pesquisador. Para conhecer o problema (realidade ou comportamento do indivíduo, por exemplo) é preciso investigá-lo, acompanhá-lo, discuti-lo e descrevê-lo.

A grande questão pertinente à pesquisa-ação envolve justamente a continuidade, após conhecido o fenômeno estudado. Apenas ela detém o papel de interventor e modificador da realidade investigada. O “reclame” surge diante dos efeitos que a compreensão do fenômeno gera, por si só, limitado pela ausência da intervenção. A pesquisa-ação, com isso, viabiliza a releitura ou a reconstrução das teorias partindo-se da realidade explorada. Esse “vai-e-vem” é percebido na *grounded theory*, mas a aplicabilidade não. O aspecto descritivo também se põe partilhado pelo estudo de caso, mas a mudança não ocorre. A profundidade reflexiva talvez não seja similar àquela demanda pela fenomenologia ou pela etnografia, mas a pesquisa-ação avança no compartilhamento de ideias e alimentação, ou retroalimentação, das perspectivas da pesquisa lançadas ao *loco* de estudo.

A pesquisa-ação apresenta diversas semelhanças e diferenças, mesmo à luz da pesquisa participante, onde se encaixa a etnografia. Todavia, a extrapolação da barreira entre pesquisa e ação define ou distingue essa estratégia de pesquisa ante as demais possíveis no polo metodológico da pesquisa qualitativa. A questão emergente, diante do exposto, é: por meio dessa característica (a intervenção), como a pesquisa-ação foi retratada na academia? A seção subsequente descreve o panorama da produção científica sobre pesquisa-ação no Brasil, no escopo da administração, visto que este é um dos seus campos promissores para aplicação (LIMA, 2005; MACKE, 2010; MELLO, 2014; THIOLENT, 1997).

#### **4 LEVANTAMENTO BIBLIOMÉTRICO**

Este segmento do trabalho trouxe consigo, após as considerações realizadas acerca da pesquisa-ação, a proposta de caracterizar a publicação com (e sobre) pesquisa-ação. Adiante tem-se uma síntese dos resultados decorrentes do esforço de mapear a produção acadêmica, de âmbito nacional, no tocante à pesquisa-ação. Em paralelo, realizam-se breves críticas em torno do “descasamento” entre as prerrogativas teóricas da pesquisa-ação com aplicação e prática dessa estratégia de pesquisa.

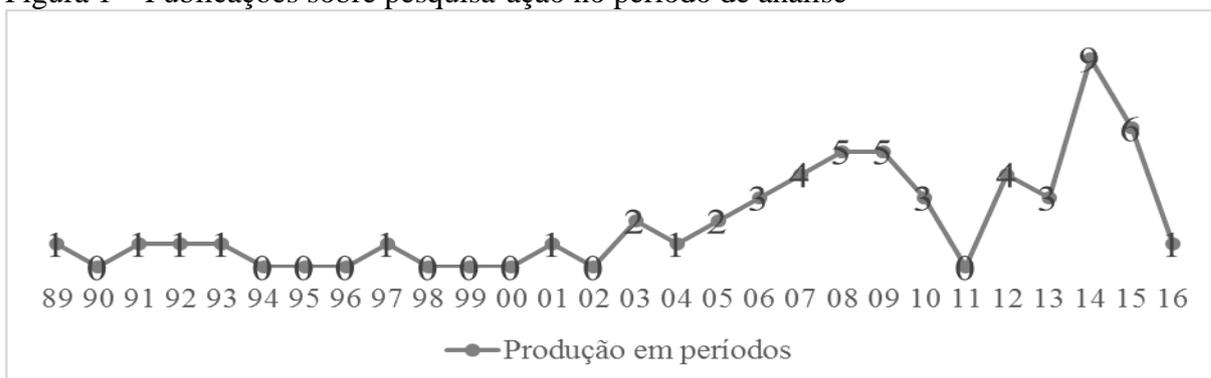
Para o levantamento de artigos para o estudo bibliométrico, inicialmente, buscou-se os termos “pesquisa-ação” e “action research” (entre aspas, para que a busca fosse pela palavra exata) nas bases de dados SciELO e SPELL, contudo os resultados foram limitados e não se mostraram condizentes com a realidade da pesquisa-ação brasileira em Administração e Contabilidade. Por isso, em segundo momento, foram escolhidas revistas brasileiras das áreas citadas dos extratos, estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamentos de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), A2, B1 e B2, por terem maior indicador de impacto e visibilidade no contexto nacional, visto que não existem revistas nacionais nível A1.

Assim, pesquisou-se os termos “pesquisa-ação” e “action research” (também entre aspas) em todos os campos nas revistas escolhidas. A busca inicial resultou em 73 artigos, contudo foram eliminados, nessa etapa, 7 destes, posto que 3 estavam indisponíveis, 3 eram editoriais e 1 era uma resenha bibliográfica, totalizando 66 artigos. Em seguida, foram extraídas as principais informações desses artigos através da leitura dos resumos e, quando necessário, da introdução ou método. A partir da leitura dos artigos, foram excluídos mais 12 trabalhos por apenas citarem o termo no corpo do texto sem explicá-lo ou nas referências. Portanto, a amostra é de 54 artigos.

##### **4.1 Análise descritiva da produção em pesquisa-ação**

A primeira característica constituinte à análise descritiva preconizada expõe o número de publicações válidas para este trabalho sobre pesquisa-ação quanto ao horizonte temporal de alcance do levantamento (Figura 1). A Figura 1 evidencia a heterogeneidade da produção científica sobre pesquisa-ação no Brasil entre 1989-2016.

Figura 1 – Publicações sobre pesquisa-ação no período de análise



Fonte: Dados da pesquisa.

Foram identificados 54 trabalhos nesses 27 anos, porém com escassez ou nulidade da publicação sobre o tema em uma parcela considerável do período investigado. Com essa distribuição, é possível classificar a produtividade em três fases diferentes. No ano de 1989 e nos anos 90 a baixa produtividade sinaliza um período de conhecimento, ou seja, a pesquisa-ação é pouco explorada, talvez por razões de ciência da estratégia – foram apenas 5 trabalhos encontrados, menos de 10% do total. Já nos anos 2000, há um “boom” na produção, quando 26 ou 47% dos trabalhos foram publicados nos periódicos. Por fim, a partir do ano de 2010 até os dias atuais nota-se que a produção sobre pesquisa-ação vive uma fase de consolidação. São 22 os trabalhos publicados na metade dos demais períodos refletindo o ingresso da pesquisa-ação na condição de estratégia de pesquisa qualitativa estabelecida no Brasil.

A Figura 2, por sua vez, demonstra a distribuição das publicações segundo os extratos da área de administração, segundo a Capes, seguindo os parâmetros metodológicos definidos neste trabalho.

Figura 2 – Publicações por extrato de classificação da Capes



Fonte: Dados da pesquisa.

A Figura 2 sinaliza haver a concentração de publicações no extrato inferior (B2), em detrimento dos demais extratos (A1 e B1). A evidência poderia indicar, não necessariamente, maior entrada dos estudos acadêmicos em pesquisa-ação nesse grupo de periódicos. Todavia, a avaliação precisa sobre esse aspecto não fora contemplada pelo presente trabalho e poderia ser viabilizada através de um comparativo na produção por período. Pensa-se que a estratégia da pesquisa-ação, devido aos vieses metodológicos a ela inerentes, poderia ser mais ou menos “aceita” em determinadas áreas do conhecimento. Com base nisso, o Quadro 6 expõe de que modo a produção está distribuída por subáreas do conhecimento.

Quadro 6 – Subáreas do conhecimento referentes aos trabalhos sobre pesquisa-ação

Subáreas do conhecimento	Trabalhos
Administração da Informação	1
Administração da Produção	8
Administração Geral	1

Administração Pública	5
Contabilidade	6
Ensino e pesquisa em Administração e Contabilidade	7
Estratégia	5
Estudos Organizacionais	12
Gestão de Pessoas	4
Inovação	3
Logística	1
Marketing	1

Fonte: Dados da pesquisa.

O Quadro 6 denota a polarização da pesquisa-ação como estratégia de pesquisa. São os Estudos Organizacionais e a Administração da Produção que possuem os maiores números de publicações no período, 12 e 8 artigos, respectivamente. É provável que o caráter prático da pesquisa-ação se faça, ao mesmo tempo, barreira ou trampolim para essa ou aquela subárea do conhecimento. Áreas como Administração Geral, Logística e Marketing aparentemente não usufruem integralmente oportunidades ofertadas devido ao uso da pesquisa-ação. Essas áreas devem, naturalmente, refletir ou são refletidas pelos periódicos onde os trabalhos foram publicados. O Quadro 7 destaca as bases de coleta das informações.

Quadro 7 – Revistas investigadas por extrato e respectivo número de publicações

<b>A2</b>	<b>Número de trabalhos</b>
BAR. Brazilian Administration Review	0
Cadernos EBAPE.BR (FGV)	3
Organizações & Sociedade	2
RAC. Revista de Administração Contemporânea	1
RAE - Revista de Administração de Empresas	3
Revista Brasileira de Gestão de Negócios	1
Revista Contabilidade & Finanças	1
Revista de Administração (FEA-USP)	2
Revista de Administração Pública	4
<b>B1</b>	<b>Número de trabalhos</b>
BBR. Brazilian Business Review	1
Contabilidade Vista & Revista	0
Enfoque: Reflexão Contábil	2
Gestão & Produção	1
REAd. Revista Eletrônica de Administração	3
Revista Contemporânea de Contabilidade	0
Revista de Administração Mackenzie	5
Revista Universo Contábil	0
RCO - Revista de Contabilidade e Organizações	3
<b>B2</b>	<b>Número de trabalhos</b>
Advances in Scientific and Applied Accounting	1
Administração Pública e Gestão Social	1
Base: Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos	1
Faces: Revista de Administração	2
Gestão & Regionalidade	1
Produção	6
RAI: Revista de Administração e Inovação	3
REA Revista de Administração da UFSM	2
Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional	1
Revista de Administração da Unimep	1
Revista de Ciências da Administração	3
<b>Total</b>	<b>54</b>

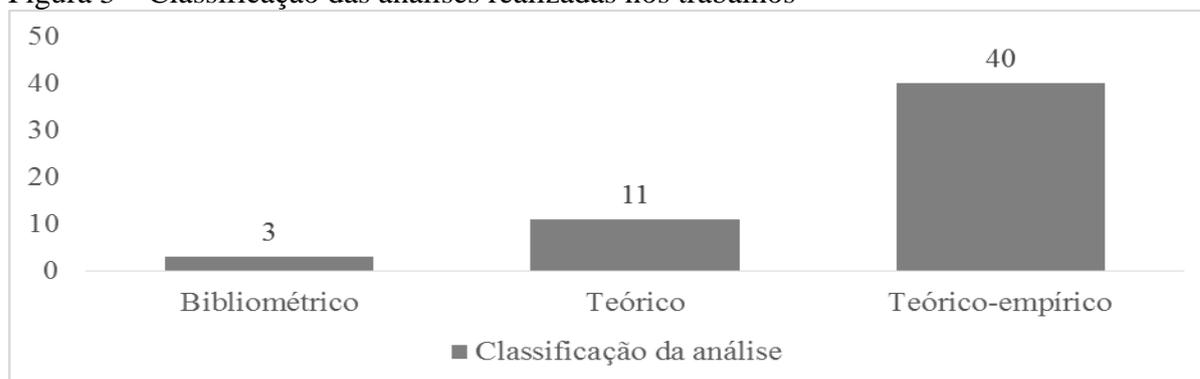
Fonte: Dados da pesquisa.

Deve-se ressaltar, a partir do Quadro 7, que 4 revistas pesquisadas não tiveram nenhuma publicação no período avaliado. Majoritariamente, periódicos de administração “dominam” a produção sobre pesquisa-ação. Demais periódicos especificamente relacionados

à contabilidade ou à engenharia de produção, por exemplo, emergem secundariamente nesse agrupamento de revistas. Vale ressaltar que o periódico “Produção” detém o maior número de trabalhos publicados no período, seguida da Revista de Administração Mackenzie.

Sobre o método dos trabalhos, a Figura 3 classifica-os quanto às análises realizadas; já último aspecto ressaltado se refere aos procedimentos de coleta descritos pelos estudos (ver o Quadro 8). Deve-se colocar em evidência que nem todos os estudos eram claros quanto à sua classificação, restringindo assim a análise estabelecida do aspecto metodológico.

Figura 3 – Classificação das análises realizadas nos trabalhos



Fonte: Dados da pesquisa.

A Figura 3 demonstra a preponderância dos trabalhos de cunho teórico-empírico, em razão, talvez, dos aspectos práticos da pesquisa-ação. Deve-se observar que uma parte desses estudos recorreu a não materialização do método em si da pesquisa-ação, abordagem teórica e utilização da bibliometria como forma de estudar suas problemáticas.

Quadro 8 – Estratégias identificadas nas pesquisas

Estratégia	Número de trabalhos
Pesquisa-ação	26
Pesquisa-ação combinada com:	14
<i>Grounded theory</i>	1
Estudo de caso	11
Pesquisa experimental	1
Pesquisa emancipatória	1
<b>Total absoluto identificado</b>	<b>40</b>
<b>Total percentual identificado</b>	<b>74%</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

O Quadro 8 descreve que a pesquisa-ação é a estratégia central dos estudos, mas com a evidência da Figura 3, sabe-se que não necessariamente houve aplicação dessa estratégia. Faz-se necessário expor ainda que a pesquisa-ação pode ser combinada com outras possibilidades de investigação. São citadas no levantamento realizado a abordagem com estudo de caso, a de maior frequência, *grounded theory*, pesquisa experimental e emancipatória, menos frequentes.

Quadro 9 – Técnicas de coleta de dados utilizadas nas pesquisas

Técnica	Número de trabalhos
Diário de pesquisa	2
Entrevista	21
Grupo focal	4
Observação	22
Pesquisa bibliográfica	2
Pesquisa documental	17
Reuniões	3

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação aos dados, dos 40 artigos teóricos-empíricos, 32 apresentaram como os dados foram coletados. O Quadro 9 indica as técnicas utilizadas. A observação e a entrevista destacam-se, o que é bastante coerente com a abordagem escolhida (pesquisa-ação), que

requer dados primários devido à necessidade de compreender o problema existente e de ouvir os participantes da organização, embora dados secundários também enriqueçam a pesquisa, tanto que a pesquisa documental foi bastante explorada. Porém, apenas 4 trabalhos identificam como os dados foram analisados, desses 3 usam a análise de conteúdo e 1 opta pela análise de discurso.

Há uma significativa amplitude de possibilidade de desenvolvimento da pesquisa-ação, isso no que se refere à coleta dos dados. A pesquisa-ação demanda de múltiplos dados, primários ou secundários, sob diversificados e alternados enfoques, devido à intervenção e essas características possibilitam essa ocorrência. Ao pesquisador cabe se munir com as evidências adequadas para um correto diagnóstico da ou das realidades investigadas e isso reflete na sua proposta de intervenção – foco à pesquisa-ação.

Buscou-se identificar as características da pesquisa-ação presentes nos artigos aqui analisados. As características procuradas foram: identificação e resolução de um problema, participação de pesquisadores e membros da organização durante o processo de pesquisa, existência de mudança, conexão com teorias e processo cíclico de planejamento, ação e avaliação. Foi constatado que 22 trabalhos apresentam um problema e sugerem uma resolução, 21 deles têm a participação tanto dos pesquisadores quanto dos membros da organização, 10 mostram uma mudança na organização, 15 fazem conexões com teorias existentes e 11 retratam o processo cíclico de planejamento, ação e avaliação.

Isso indica que no campo da Administração, no Brasil, ainda se sabe pouco sobre pesquisa-ação, visto que, praticamente, metade dos artigos teóricos-empíricos que se propõem a utilizá-la como estratégia de pesquisa não atendem aos pré-requisitos necessários para a realização da mesma. Muitos autores acabam por fazer um estudo de caso, mas o nomeiam de pesquisa-ação, ou fazem uma *design research*, que é bem semelhante à pesquisa-ação, mas como resultado, ao invés de uma mudança, tem-se um artefato. Mostra também que Universidade e outras organizações ainda andam distantes.

#### **4.2 Análise descritiva dos autores dos artigos**

Como parte da bibliometria de artigos sobre pesquisa-ação no campo de Administração no Brasil, faz-se necessário considerar os autores que escreveram tais trabalhos. Os 54 artigos foram elaborados por 132 autores. Destes, atualmente, 89 são doutores, 25 são mestres, 13 não possuem registro na plataforma Lattes, 3 são doutorandos, 1 é especialista e 1 é graduado.

Dos doutores, 27 são doutores em Administração, 19 em Engenharia da Produção, 9 em Controladoria e Contabilidade, 5 em Ciências Sociais e os demais estão distribuídos em áreas do conhecimento como Direito, Economia, Educação, Psicologia, Engenharia Mecânica, dentre outras. Dos mestres, 13 têm mestrado em Administração, 6 em Engenharia da Produção e os demais estão disseminados em outras áreas como Contabilidade e Controladoria.

A maioria deles, 102, sendo 84 doutores, 17 mestres e 1 doutorando, estão vinculados à Universidades como professores, 17 não mantêm vínculos com Universidades e 13 não possuem registro na plataforma Lattes. Esses professores distribuíram-se de maneira por várias Universidades brasileiras e nenhuma se destaca. Na área de administração não se tem nenhum “especialista” em pesquisa-ação, considerando o número de publicações sobre o tema, visto que apenas 5 autores têm 2 artigos e os demais apenas 1.

#### **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho centrou-se na descrição e na discussão dos principais pontos referentes à consecução da pesquisa-ação como estratégia de pesquisa para o campo da Administração. Para tanto, abordou-se a origem desta estratégia de pesquisa, bem como sua definição, características e limitações, planejamento e comparação com outros métodos, findando com

um breve levantamento bibliométrico sobre a produção de trabalhos em pesquisa-ação em Administração e Contabilidade no Brasil.

A pesquisa-ação consolidou-se nos anos 1960 na América Latina, assim, em relação a outros métodos como estudo de caso e etnografia, é uma estratégia bastante recente, sendo ainda pouco difundida e aplicada entre os pesquisadores. Embora existam características muito marcantes da pesquisa-ação como a necessidade do envolvimento do pesquisador na resolução de um problema e com os demais participantes do projeto e a implementação e a manutenção de uma mudança, ainda existe muita confusão sobre o que de fato é pesquisa-ação, sendo habitual encontrar artigos com definições esdrúxulas e nomenclaturas “mutantes”, que mudam de acordo com cada propósito.

Tal situação é decorrente da falta de conhecimento dos atributos deste tipo de pesquisa e, também, do número reduzido de trabalhos, sendo, conseqüentemente, pouco difundida na academia. Ademais, o processo de pesquisa-ação pode ser longo e cheio de percalços, sendo imprescindível investir tempo nas relações com os demais participantes implicados, pois estes conhecem a realidade da organização e a implementação do projeto depende de seu envolvimento integral. Este processo, aliás, é cíclico, ou seja, repete-se inúmeras vezes até que a mudança planejada de fato ocorra, e é composto, basicamente por três fases: planejar, agir e avaliar, contudo os autores abordam de maneiras diferentes, estendendo ou resumindo o processo.

A pesquisa-ação é uma estratégia de pesquisa extremamente rica, visto que permite que o pesquisador explore a situação da organização antes, durante e depois da mudança, provendo-o de uma perspectiva longitudinal dificilmente encontrada com o auxílio de outras estratégias mais populares, soma-se a isso a ampla gama de possibilidades de meios para coletar dados, valendo-se tanto de dados primários quanto secundários. Destaca-se ainda que o resultado dessa pesquisa tem duas vertentes: a mudança para a organização e a teoria para o pesquisador. Destaca-se a importância, para o pesquisador, dos processos de aprendizagem, de geração de conhecimento e de teorização provenientes da realização do projeto.

Como mostrado na breve análise bibliométrica ainda existe muito a ser explorado utilizando a pesquisa-ação em Administração e Contabilidade, visto que é aplicável em diversos contextos, especialmente no estudo das organizações, obviamente, para isso, é imprescindível a maior proximidade entre pesquisadores, e conseqüentemente Universidade, o “mercado” e a *práxis*.

#### Referências

- ADAMS, C.; HOQUE, Z.; MCNICHOLAS, P. Case studies and action research. In: HOQUE, Z. (Ed.). **Methodological issues in accounting research – theories, methods and issues**. London: Spiramus, 2006, p. 361-373.
- BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001.
- CAMPOS, M. M. M. Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, p. 63-66, 1984.
- COUGHLAN, P.; COUGHLAN, D. Action research for operations management. **International Journal of Operations & Production Management**, v. 22, n. 2, p. 220-240, 2002.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DRAGO, P. A. Pesquisa-ação – uma opção metodológica para conhecimento-mudança da realidade organizacional. **Revista de Administração Pública**, v. 23, n. 4, 62-69, 1989.
- EDEN, C.; HUXHAM, C. Pesquisa-ação no estudo das organizações. In: CLEGG, R.; HARDY, C.; NORD, W. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais**. v. 1. São Paulo: Atlas, 2001, p. 93-117.
- ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar**, n. 16, p. 181-191, 2000.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**. V. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

FREITAS, J.; CALBINO, D.; SANTOS, A.; PEREIRA, R. Em defesa do uso da pesquisa-ação na pesquisa em administração no Brasil. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 11, n. 3, p. 425-445, 2010.

JESUS, D.; VIEIRA, J.; EFFGEN, A. Pesquisa-ação colaborativo crítica: em busca de uma epistemologia. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 3, p. 771-788, 2014.

KEMMIS, S.; MCTAGGART, R. Participatory action research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). **Strategies of qualitative inquiry**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007, p. 271-330.

KUHNE, G.; QUIGLEY, A. Understanding and using action research in practice settings. **New Directions for Adult and Continuing Education**, n. 73, p. 23-40, 1997.

LIMA, M. C. O método de pesquisa-ação nas organizações: do horizonte político à dimensão formal. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 3, n. 2, 139-152, 2005.

MACKE, J. A pesquisa-ação como estratégia de pesquisa participativa. In: SILVA, A.; GODOY, A.; ANDION, C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 206-239.

MANSANO, S. R. V. O método qualitativo nos estudos sociais aplicados: dimensões éticas e políticas. **Revista Economia e Gestão**, v. 14, n. 34, p. 119-136, 2014.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MELLO, C. M. Abordagens e procedimentos qualitativos: implicações para pesquisas em organizações. **Revista Alcance**, v. 21, n. 2, p. 324-349, 2014.

MELROSE, M. Maximizing the rigor of action research: why would you want to? How could you? **Field Methods**, v. 13, n. 2, p. 160-180, 2001.

MENELAU, S.; SANTOS, P. M. F.; CASTRO, B. G. A.; NASCIMENTO, T. G. Realizar sem ação ou pesquisa-ação na área de administração? Uma reflexão metodológica. **Revista de Administração da USP**, v. 50, n. 1, p. 40-55, 2015.

MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. A. Sobre pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 511-565, 2006.

SCHIMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alternativas e comunidades interpretativas. **Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 11-41, 2006.

SCHIMIDT, M. L. S. Pesquisa participante e formação ética do pesquisador na área da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 2, p. 391-398, 2008.

SIMONSEN, J. A concern for engaged scholarship: the challenges for action research projects. **Scandinavian Journal of Information Systems**, v. 21, n. 2, p. 111-128, 2009.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TERENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO FILHO, E. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção – ENEGEP, 26., 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ABEPRO, 2006.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

WALTERS-ADAMS, S. **Action research in education**. Plymouth: Universidade de Plymouth, 2006. Disponível em:  
<<http://www.edu.plymouth.ac.uk/resined/actionresearch/arhome.htm#LIMITATIONS%20AND%20CRITICISMS%20OF%20ACTION%20RESEARCH>>. Acesso em: 12 out. 2015.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.